

Abordagens metodológicas para a história das emoções: Expressões amorosas no diário da marquesa de Fronteira (1801-1860)

Introdução

Num recente estudo sobre história das emoções, Peter Stearns, um dos principais mentores desta área de investigação, afirmou não existir uma forma única de fazer História neste campo científico². Esta afirmação está em consonância com a de outro especialista desta área, Rob Boddice, que referia, dois anos antes, como a História das Emoções se havia transformado em um conjunto amorfo de debates³.

As emoções e a sua história começaram a ser alvo de interesse científico ainda no século XIX, através dos trabalhos de Alexander Bain⁴ e George Lewes⁵. Contudo, seria somente no século XX que surgiram os primeiros trabalhos significativos nesta área, nomeadamente com Johan Huizinga⁶, Norbert Elias⁷ e a *École des Annales*, em particular Lucien Lefebvre⁸. Mais recentemente, historiadores, antropólogos, psicólogos e neurocientistas exploraram estas questões num extenso debate, opondo ideias muito diversificadas e, por vezes, contraditórias. A maior disparidade entre concepções de uns e outros reside naquela que consideram ser a origem das emoções. Alguns investigadores acreditam na universalidade cognitiva das emoções, enquanto outros argumentam que as emoções não são cognitivas, sendo uma construção cultural e, como tal, dependentes do contexto geográfico e temporal da sociedade em que se inscrevem⁹. Para além desta questão, outros contributos foram decisivos para o desenvolvimento do aparato teórico desta área. Peter e Carol Stearns desenvolveram o conceito de emocionologia, como sendo a melhor forma de compreender as emoções, entendendo-o como sendo a forma como a sociedade reflecte acerca das emoções e lhes atribui significado¹⁰. Por seu lado, William Reddy concebeu o termo *emotives*, ou seja, a expressão das emoções, uma vez que, na sua perspectiva, os sentimentos são, por natureza, intangíveis¹¹. Já Barbara Rosenwein desenvolveu o conceito de comunidades emocionais, ou seja, comunidades que partilham as mesmas normas e práticas emocionais¹². Por fim, e ainda que Rob Boddice argumente a necessidade de flexibilidade conceptual, uma vez que a construção de um modelo teórico neste campo científico limitará o objecto de investigação¹³, subsiste uma pergunta: como fazer História das Emoções?

Esta questão tornou-se mais pertinente após a investigação desenvolvida em torno da temática da construção da identidade, a partir das emoções expressas no diário da marquesa de Fronteira (1801-1860)¹⁴. Na verdade, a análise do vocabulário utilizado pela autora, verificou a ausência quase total do vocábulo “amor” ou de vocábulos da mesma família de palavras naquele diário. A singularidade desta inexistência é maior, tendo em consideração como, ao longo da Idade Moderna, a cultura escrita evidenciou

os afectos e, em especial o amor e a amizade, como elementos imprescindíveis na vida comunitária, ao incentivarem a entreatajuda mútua, materializada na troca de bens e de serviços, aspecto fundamental dos regimes monárquicos e na sociedade de corte¹⁵. Por outro lado, a emergência do Romantismo, enquanto movimento artístico, filosófico e literário, colocava a ênfase no individualismo e nas emoções. Às luzes da razão, objectiva e sábia, opunham-se agora o lirismo, o onírico, a subjectividade e o confessionalismo. A hipótese que aqui levantamos é a possibilidade de existência de outros vocábulos que adquiram o mesmo significado de amor. Contudo, é necessário precaver qualquer tipo de anacronismo. De facto, a bibliografia tem demonstrado como o vocabulário relativo às emoções é mutável ao longo do tempo¹⁶, e por isso deve evitar-se a procura de vocabulários actuais que associamos a emoções¹⁷.

Assim, o objectivo deste artigo é a exploração de novas metodologias para a história das emoções, partindo da análise documental e em particular de vocábulos específicos que possam exprimir amor, evitando para tal quaisquer anacronismos. Esta análise incidirá num *corpus* documental particular, o diário redigido pela marquesa de Fronteira, cruzando-o com significados similares ao sentimento amoroso, através do recurso ao dicionário considerado como o primeiro dicionário moderno de língua portuguesa, ao estabelecer a primeira sistematização moderna desta língua da época. Intitulado *Diccionario da lingua portugueza*, foi escrito pelo padre Rafael Bluteau e, posteriormente, aumentado por António de Moraes Silva, tendo sido dado à estampa em 1789. Pensamos, desta forma, contribuir para um melhor conhecimento da história das emoções em Portugal, da história das mulheres e a história do início do século XIX. Para tal, importa conhecer em maior pormenor a autora do diário e este documento propriamente dito.

A Autora e o seu diário

D. Maria Constança da Câmara nasceu em Lisboa, a 13 de Julho de 1801. Era a sétima filha de nove crianças, fruto do casamento de Luís Gonçalves da Câmara Coutinho Pereira de Sande (1758-1848) e de D. Maria de Noronha (1767-1853). O pai, embora senhor das Ilhas Desertas, Regalados e da Casa da Taipa, além de alcaide-mor de Torres Vedras, não possuía qualquer título nobiliárquico. Em contrapartida, a mãe era filha dos condes dos Arcos e neta dos marqueses de Marialva. Seria somente a geração de Maria Constança que ascenderia à titulação, quando o seu irmão varão mais velho, Gastão (1794-1866), fora nomeado conde da Taipa, a 4 de Julho de 1823¹⁸. Além disso, tanto ela como a sua irmã

mais velha casaram com titulares, demonstrando a capacidade desta casa não titular em ingressar no mercado matrimonial dos grandes do reino, casando as filhas que chegaram à idade núbil no seio de casas titulares. Repare-se que esta habilidade era, no contexto da época, excepcional, visto que a tendência dos filhos de titulares era a de casar com filhas de titulares, sendo muito menos expressivo o número de casamentos de filhos de titulares com filhas de senhores de terras ou alcaides-mores¹⁹. De facto, Juliana (1792-1814), a irmã mais velha de Maria Constança, casou com o sexto marquês de Angeja (1788-1827) e a própria Maria Constança contraiu matrimónio com o sétimo marquês de Fronteira, D. José Trazimundo de Mascarenhas Barreto (1802-1881). Este casamento, verificado a 14 de Fevereiro de 1821, decorreu na sequência da frequência do marquês nas partidas e saraus organizados na residência da família de D. Maria Constança²⁰. No ano seguinte, a 27 de Março nasceu a única filha do casal, D. Maria Mascarenhas (1822-1914).

Em sequência da revolta absolutista orquestrada pelo infante D. Miguel (1802-1866), a 30 de Abril de 1824, que ficou conhecida como Abrilada, o marquês de Fronteira foi feito prisioneiro na Torre de Belém, juntamente com outros aristocratas e militares, sendo depois transferido para a fortaleza de Peniche. Após a sua libertação, o marquês e a mulher encetaram uma primeira viagem de exílio pela Europa, percorrendo os territórios dos actuais França, Bélgica, Holanda, Itália e Reino Unido, até à notícia da outorga da Carta Constitucional de 1826, por D. Pedro IV (1798-1834). Foi nesta viagem de regresso a Portugal, via Inglaterra, que Maria Constança iniciou o seu diário de viagem. Abarcando o período entre 1826 e 1842, é constituído por 4 volumes manuscritos, totalizando cerca de 450 fólios e cerca de 600 entradas. A segunda viagem de exílio decorreu desde a subida de D. Miguel ao trono português, até ao final da guerra civil. Durante este período, o casal percorreu territórios de França, Suíça, Itália, Áustria, Alemanha. Após uma temporada sozinha em França, quando o marquês regressara para participar na guerra civil, Maria Constança retornou a Portugal, via Reino Unido, após a conquista da cidade de Lisboa.

No contexto português, este é um dos poucos exemplos de diários de autoria feminina, conhecendo-se apenas os de Eugénia de Mello Breyner da Câmara (1852-1944)²¹; da condessa de Sabugosa e de Murça (1856-1952)²²; de Maria Leonor Munró dos Anjos (1872-1940)²³; e de Leonilda Moreira de Sá (1882-1963)²⁴. Além de se tratar do único escrito na primeira metade do século XIX, é também o único que é substancialmente um diário de viagem. Embora parte do mesmo seja escrito em Portugal, as entradas redigidas em território nacional são mais esparsas, comparativamente às escritas no estrangeiro. O motor invisível da escrita é a quebra da monótona rotina quotidiana, registando

os momentos que considera extraordinários²⁵. Embora adopte um estilo livre, característico deste tipo de literatura, a par da sequência cronológica²⁶, a escrita deste diário caracteriza-se por alguma preocupação estética e estilística, ao contrário de outros congéneres que priorizam a narração quotidiana e a verossimilhança. Além disso, outra característica singular é a presença de uma preocupação latente com o futuro que decorre, muito naturalmente, da situação de exílio em que a sua autora se encontrava.

Este diário consubstancia muito daquilo que a historiografia havia anteriormente evidenciado, no que diz respeito ao início do século XIX europeu: a existência um intenso movimento migratório oriundo de diferentes reinos europeus, motivado pelas conturbadas alterações políticas aí verificadas, nomeadamente as diversas revoluções e contra-revoluções constitucionalistas e absolutistas. Este movimento migratório, constituído essencialmente por elites políticas, sociais e militares, propiciou a circulação de ideias e culturas políticas²⁷ e o desenvolvimento de um cosmopolitismo aristocrata²⁸. No caso português, este grupo heterógeno, composto de pessoas de diferentes culturas políticas²⁹, ascendeu a mais de uma dezena de milhar após a subida ao trono de D. Miguel³⁰ e permitiu o desenvolvimento de uma solidariedade aristocrática internacional, fomentada pela diplomacia portuguesa exilada³¹. De facto, para além da manutenção de hábitos aristocráticos transnacionais, sejam culturais, científicos ou artísticos, a leitura deste diário permite compreender a criação e o desenvolvimento de redes de sociabilidade no seio da aristocracia europeia, das elites financeiras e intelectuais, permitindo aos liberais emigrados conquistar admiradores e angariar apoiantes da causa constitucional portuguesa e o apoio à rainha D. Maria II.

Por outro lado, tal como qualquer diário, é também uma fonte imprescindível para o estudo das emoções. É através da escrita diarística que Maria Constança expressa a sua individualidade emocional. Tratando-se predominantemente de um diário de viagem, regista o contacto com realidades diferentes e pouco habituais, que naturalmente acabam por moldar a expressão dessas emoções, nomeadamente a sua percepção de alteridade perante as diferentes realidades – geográficas, sociais e culturais – que conhece ao longo destas viagens. Algumas das suas ideias culturalmente preconcebidas dissipam-se ou são reforçadas, sobretudo no contacto com realidades não-europeias³².

Amor e formas de amar

A presença da manifestação de amor e amizade está, à primeira vista, arredada da escrita deste diário. Efectivamente, a palavra

amor é apenas referida duas vezes. Uma delas está em francês e descontextualizada, não se tratando propriamente de uma entrada de diário, devidamente datada como todas as restantes. Nesse sentido, tanto poderá ser da autoria de Maria Constança ou tratar-se da transcrição de um outro texto, de autoria desconhecida. Neste excerto, o sujeito poético refere cantar o sentimento de amor, responsável por outro sentimento, nomeadamente a nobreza da generosidade: “On chante le sentiment de l’amour et l’on dit qu’il donne de la noblesse de la générosité!”³³

Todavia, a menção que nos interessa particularmente, por termos certeza da sua autoria e estar devidamente contextualizada, é a referência ao seu amor próprio. A menção é feita após frisar que não tem ciúmes de determinada senhora das suas relações. Se tivesse ciúmes, a marquesa sofreria de falta de amor próprio, que a própria assume ter, ainda que este amor próprio pudesse ser considerado um defeito: “Madame de Falloux³⁴ fez-me muitas festas de dente cerrado como ela costuma, parece-me que já está desenganada que eu não tenho ciúmes d’ela, para isso me suceder era preciso ter muito pouco amor próprio, e se ter amor próprio é defeito, confesso que o tenho esse defeito.”³⁵ De facto, pelo menos desde Santo Agostinho (354-430), que o amor próprio e a entrega às paixões individuais eram entendidos como um impedimento ao desejável amor divino, ideias que proliferaram em autores posteriores, sobretudo católicos, como o padre e filósofo francês Nicolas Malebranche (1638-1715)³⁶. Contudo, nesta interação relatada pela marquesa, denota-se a inexistência de um confronto entre si e a interlocutora, uma vez que o discurso pouco favorável acerca desta é deixado para a narrativa escrita no diário daquela. Esta passagem é demonstrativa da dicotomia entre a formalidade externa e artificial, dissimuladora ou, pelo menos, recatada, dos seus verdadeiros sentimentos e afectos. Na verdade, o ideal de autenticidade emergente nos finais do século XVIII, preconizando que as acções externas deveriam expressar o íntimo individual, possibilitando o refinamento dos afectos³⁷, não é manifestado neste diário, como aliás, tivemos oportunidade de demonstrar anteriormente, existindo uma diferença entre a sua performatividade emocional em público e aquilo que é relatado no seu diário³⁸.

Contudo, subsiste ainda uma dúvida: afinal, que sentimento é este, o amor? O *Diccionario da lingua portugueza* define o verbo “amar” como ter amor ou afeição a alguém. Em contrapartida, o substantivo “amor” é definido como o “sentimento com que o coração propende para o que lhe parece amável, fazendo disso o objecto de suas afeições”. Como sinónimos de amor, são, portanto, apresentados os vocábulos “afeições”, “desejos”, “benquerença”, “benevolência”, “afabilidade” e “brandura”³⁹. Estarão estas palavras, nesta forma ou em outras famílias de palavras presentes neste diário? Analisaremos aquelas que dizem directamente respeito à voz autoral, excluindo as referentes a outras pessoas

mencionadas. Assim, esta análise permite verificar que apenas os vocábulos “amável” e “desejo”, bem como as suas variantes, se encontram mencionados ao longo deste documento⁴⁰, os quais serão analisados seguidamente.

O adjectivo “amável” encontra-se presente, quer no singular, quer no plural, além da variante substantiva, amabilidade. O vocábulo é essencialmente utilizado para expressar a opinião da autora relativamente a diversos interlocutores, indicando diferentes graus de amabilidade da companhia demonstrada por estes. Louva a amável companhia da sua amiga íntima, a condessa de Vila Flor⁴¹, de várias personalidades com as quais se relaciona socialmente, como a condessa Apponyi⁴², Lady Capel⁴³, Madame Maberly⁴⁴, Madame de Grot⁴⁵, Barão de Karlsruhe⁴⁶ ou até mesmo um desconhecido, companheiro de viagem no lago de Como⁴⁷. Chega a considerar outros indivíduos “bastantemente amáveis”, tais como Lady e Lord Normanby⁴⁸. A amabilidade podia não dizer apenas respeito às pessoas propriamente ditas, mas referindo-se às suas acções. Por exemplo, Maria Constança descreve como determinado cavaleiro francês “faz o amável da companhia”, ao preparar a mesa de jogo para se jogar às cartas⁴⁹.

A amabilidade que destaca em algumas das pessoas é contraposta a outras características menos abonatórias, sejam físicas ou emocionais, de forma a efectuar um retrato mais favorável destas figuras. É o caso da irmã do grão-duque da Toscana, Maria Luísa (1799-1856)⁵⁰, ou do general Miguel Ricardo de Álava y Esquível (1771-1843)⁵¹. A primeira é descrita como não sendo “nada bonita e corcunda mas também é muito amável, coitada”⁵². O segundo, “parece-me um homem amável e bem infeliz coitado”⁵³.

Há, no entanto, uma figura que classifica como pouco amável: a marquesa de Londonderry⁵⁴: “ela já não é moça, mas ainda o que parecer, enfeita-se muito e tem jóias magníficas, mas é muito pouco amável, e tem muita pretensão”⁵⁵. Também neste exemplo são destacadas qualidades positivas, como a posse de boas jóias e enfeitar-se, que são contrapostas a qualidades negativas, como o ser pouco amável e ser pretensiosa.

A descrição da amabilidade de determinada pessoa serve também para contrastar com a pouca amabilidade de outra. É o que acontece relativamente ao príncipe de Hohenlohe⁵⁶ e o seu aio: “o Príncipe de Hohenlohe que me foi hoje apresentado pela terceira vez, mas nem por isso temos feito maior conhecimento pois ainda não nos demos uma palavra; o seu companheiro é muito mais amável”. Embora Maria Constança não teça directamente qualquer comentário negativo relativamente ao príncipe, acaba por o desvalorizar, ao enaltecer a amabilidade demonstrada pelo ajudante do príncipe⁵⁷.

Contudo, esta qualidade não é passível de se deduzir de um primeiro encontro. Em algumas situações, Maria Constança

apresenta algumas dúvidas na opinião que forma relativamente à amabilidade demonstrada pelos seus interlocutores, utilizado a expressão “parece-me/pareceu-me ser amável”. É o caso da princesa Dolgarukov⁵⁸ ou da mulher do ministro da Prússia em Florença, Karl Martens (1790-1863), conde de Martens⁵⁹. O mesmo acontece com Monsieur de Bouillé⁶⁰, cuja descrição é mais expressiva: “enquanto a sua amabilidade não posso dizer nada, pois não tive tempo para fazer o meu juízo, mas creio que ele deve ser amável”⁶¹. O mesmo sucede na narrativa de uma festa, na qual o marido não quis procurar o chapéu da marquesa, levando-a a retorquir: “porque não são os maridos mais amáveis?”⁶² Na verdade, a pouca amabilidade do marido não é afirmada de forma directa, mas ao interrogar-se acerca desta qualidade demonstrada pela generalidade dos cônjuges.

Por fim, a alusão à amabilidade nem sempre era demonstrativa de uma qualidade positiva. Quando em 1839 é recebida pela rainha D. Maria II (1819-1853), refere que esta o fez “com a sua amabilidade costumada”⁶³, denotando-se alguma ironia no seu discurso. Igualmente, refere-se ao medo provocado pela amabilidade demonstrada pela infanta Isabel Maria (1801-1876): “A infanta esteve muito amável comigo, faz-me quase medo.”⁶⁴

O substantivo “desejo”, quer no singular, quer no plural, não é utilizado no discurso. Apenas são utilizadas diversas formas do verbo correspondente, “desejar”, surgindo em menor número que a amabilidade. Na maior parte dos casos, o desejo é relativo à vontade da satisfação das necessidades básicas como a alimentação: “fomos logo almoçar porque todos estavam desejando restaurar-se das fadigas da jornada”⁶⁵; o desejo de chegar depressa a algum sítio, no caso, para despedir a criada: “uma das razões porque desejo muito chegar a Paris é para a mandar embora no outro dia”⁶⁶; pela curiosidade: “Muito desejava saber se hoje em Portugal se tem lembrado do Ano 1820⁶⁷ e se mandaram passear D. Miguel, forte gosto!”⁶⁸ ou para demonstrar a vontade de fazer algo que não se pode fazer: “nunca tive tanta vontade de sair como hoje, creio que pela razão que sempre se deseja mais o que menos se pode conseguir”⁶⁹.

Contudo, as duas únicas vezes que a demonstração do desejo se prende com relações emocionais propriamente ditas, dizem respeito à vontade de se reunir ao marido, ausente de Paris, em data futura: “só o que desejo é de não passar este dia o ano que vem longe do Marquês”⁷⁰; e à vontade de receber notícias dos seus: “forte impaciência faz estar tão longe quando se desejam ter notícias com brevidade.”⁷¹

Se “amar” e “amor” têm à época sinónimos que estão sub-representados nesta fonte textual, que outros vocábulos procurar, que exprimam esta mesma dinâmica amorosa, sem cair no erro de anacronismo histórico, que Bárbara Rosenwein chama a atenção, no que diz particularmente respeito à história das emoções⁷²?

Será que a expressão de ter amizade, gostar de alguém, sentir saudades, cuidado, pena ou dó, não serão também elas, na época, manifestações amorosas?

Na verdade, socorrendo-nos novamente do *Diccionario da lingua portugueza*, amizade tem como sinónimo “amor ou benevolência que sentimos em favor de alguém”⁷³, sendo benévolo “o que deseja bem a outrem”⁷⁴. Contudo, o termo “amizade” está ausente de todo o diário e mesmo os vocábulos “amigo” ou “amiga” assumem a forma de substantivo, referindo-se a pessoas que possuem este tipo de relação com outras mencionadas pela marquesa, não estando, por isso, directamente relacionadas com a voz autoral⁷⁵.

Em alternativa, o conceito de “gosto” e “gostar”, ainda que não refira nem amor nem amizade, remete para a “sensação agradável que resulta da bondade física ou moral de alguma pessoa ou coisa”⁷⁶. Quando se refere ao sujeito autoral, é maioritariamente relativo à manifestação de apreço de determinadas tipologias teatrais, como comédias⁷⁷, ou a situações, seja o não gostar de estar só⁷⁸; de passear quando o marido está de mau humor⁷⁹; ou de fazer visitas⁸⁰. A expressão pode significar igualmente o critério da beleza⁸¹, mas também designar momentos de alegria, motivados por determinadas notícias políticas⁸², pelo recebimento de correspondência⁸³, e sobretudo o reencontro de pessoas, fossem elas das suas relações⁸⁴, por serem portugueses⁸⁵ ou por a relação ter começado em Lisboa⁸⁶.

A referência a “gostar” ocorre relativamente a pessoas, quer de forma directa, quer indirecta. Os exemplos são no entanto escassos. Refere, por exemplo, gostar muito do marquês de Corsi⁸⁷, apesar de não gostar, genericamente, de velhos italianos: “Não saí hoje em todo o dia, estive cá o Marquês Corsi, é excelente velho, dos velhos italianos é dos que eu gosto menos, mas deste gosto muito”⁸⁸. Utiliza também, tal como tinha feito anteriormente e a respeito dos mesmos protagonistas, a comparação para demonstrar a sua preferência entre duas pessoas: “Príncipe d’Hohenlohe com efeito atreveu-se hoje a falar-me, gosto mais do aio”. Repare-se como não existe qualquer referência negativa directa ao Príncipe de Hohenlohe. A comparação utilizada é positiva, relativamente ao aio⁸⁹. De forma indirecta, a marquesa de Fronteira refere também gostar muito da companhia da condessa de Vila Flor⁹⁰, sua amiga íntima: “a Condessa de Vila-Flor ficou, o que eu muito estimei, porque gosto muito de estar com ela.”⁹¹

O conceito de “saudade” também não deixa dúvida: “mágoa que causa a ausência da coisa amada, com o desejo de a ter presente e voltar a ver”⁹². A marquesa de Fronteira sente saudades de locais onde permaneceu mais tempo, como Paris⁹³, Itália⁹⁴, Lisboa⁹⁵ e, em particular, da sua casa em Benfica, motivado pela observação da natureza: “o jardim cheio de flores lindas e cheirando como as de Lisboa, muitas saudades me fez de Benfica”⁹⁶, ou pelo encontro de pessoas: “encontrei lá Luiz Godinho que não via há um século,

fez-me saudades de Benfica”⁹⁷. De facto, o encontro com pessoas que conheceu em determinado lugar é um factor precipitante para o sentimento das saudades: “muitas saudades tenho sempre de Lisboa quando vejo alguém que lá conheci”⁹⁸.

São também expressas saudades de um tempo passado, associados igualmente a determinados espaços e pessoas: “Representavam *Tancredi*, e muito mal mas assim mesmo fez-me muitas saudades do tempo em que a Frederica cantava com a Henriqueta na casa redonda, o Dueto *Lascia-me non t’ascolto*.”⁹⁹ Maria Constança refere-se à memória do tempo passado com as tias maternas do marido, Frederica (1782-1847) e Henriqueta de Oyenhausen (1789-1860), quando cantavam um dueto da ópera de Rossini (1792-1868), estreada em 1813, na casa de fresco no jardim do palácio Fronteira, em Benfica.

As saudades de pessoas são manifestadas de forma directa, como as sentidas do cozinheiro de Benfica¹⁰⁰ ou indirecta, quando a visita à casa vazia onde a marquesa de Palmela¹⁰¹ vivia com os filhos a faz sentir saudades, associadas também à tristeza: “Fez-me tristeza quando entrei em casa da Marquesa de Palmela não ver ninguém; deveras tive saudades”¹⁰².

Apesar da consciência de que a memória do passado faz sentir mais saudades, por se considerar melhor esse tempo do que o tempo presente¹⁰³, não deixa de ser curioso a expressão da antecipação de saudades futuras de algumas pessoas, nomeadamente da condessa de Vila-Flor e de seu marido: “Os Condes de Vila Flor também aqui estão, têm-nos feito muito boa companhia hei-de ter saudades quando em Lisboa nos separarmos”¹⁰⁴.

O diário é também rico na expressão de “dó”, “pena” e no uso do adjectivo “coitado” como interjeição, todas elas expressões de “compaixão”, isto é, da manifestação de pesar ou dor do mal alheio¹⁰⁵. Segundo o *Diccionario*, ter “dó”, é ter dor, lástima ou compaixão¹⁰⁶, tal como “pena” é sentir dor, aflicção ou trabalho¹⁰⁷. A expressão “coitado” refere-se a quem tem penas, trabalhos ou desgostos¹⁰⁸.

“Pena” é um dos termos mais utilizados, nem sempre com o significado de dor ou lástima. Por exemplo, a expressão “merecer a pena” é utilizada amiúde com o significado de compensar¹⁰⁹, por exemplo, “valer a pena” visitar determinado local¹¹⁰. No sentido de “lástima”, é associado a diversas situações, desde ter pena de não poder fazer algo¹¹¹, como passear, por não ter uma necessária companhia masculina¹¹² ou pela perda de objectos, muito embora neste caso a motivação não é a monetária, mas sim “por causa das pessoas que mos têm dado”¹¹³. Suscita-lhe pena a separação de lugares¹¹⁴ e de pessoas¹¹⁵, sobretudo daquelas que se sabe não se tornará a ver: “Esteve cá o Príncipe de Lichnowsky a despedir-se, parte amanhã. Antes eu nunca o tivera conhecido, pois sempre faz pena ter quase a certeza que nunca mais se há-de tornar a ver”¹¹⁶.

Outras circunstâncias fazem-na sentir pena, tal como a morte de pessoas, tanto conhecidas¹¹⁷, mas também desconhecidas: “Foi hoje o dia em que enforcaram o pobre Menotti um dos chefes da conspiração, fez-me tanta pena como se o conhecesse”¹¹⁸. Na verdade, esta pena motivada pela morte, não só é motivo de tristeza, como é, na sua opinião, o único motivo realmente importante para se estar triste: “Tenho estado hoje tão triste, creio que é nervoso, nesta vida, só a morte de pessoas de quem se gosta merece a pena de se estar triste, tudo o mais é nada, tolo de quem se mata, graças a Deus que todos os dias me vou achando mais egoísta assim me tem feito, assim me tenham.”¹¹⁹

O uso da interjeição “coitado”, quer no género masculino, quer no feminino, é recorrente e utilizado num leque alargado de situações graves, como a doença¹²⁰, a incapacidade física¹²¹, a infelicidade¹²², medo¹²³, a velhice¹²⁴ ou a morte¹²⁵. Outras situações de menor importância também suscitam a lástima da marquesa, como a falta de qualidades intelectuais¹²⁶ ou a lentidão dos criados: “tanto a minha criada como o criado são duas lesmas coitadas”¹²⁷. A falta de aptidão musical¹²⁸ ou de beleza¹²⁹ das pessoas das suas relações são também alvo desta mesma lástima. O aborrecimento¹³⁰, o cansaço¹³¹ e situações embaraçosas¹³² são outros dos alvos de pena por parte da marquesa.

Finalmente, o dó, que é referido mais pontualmente, em comparação com as expressões anteriores, é-lhe suscitado quando se depara com pessoas que passam por situações miseráveis, seja a incapacidade¹³³, a doença¹³⁴, a viuvez¹³⁵, a solidão¹³⁶, a velhice¹³⁷ ou a guerra¹³⁸.

Ao longo das páginas deste diário são omissos o substantivo “preocupação” e as suas variantes adjectivas ou verbais. A manifestação de preocupação pode ser reflexo de emoção relativamente a alguém. Em seu lugar, surge a palavra “cuidado”, geralmente acompanhado do verbo “estar” e da preposição “em”, formando a expressão “estar em cuidado”. Outra variante é acompanhada do verbo “ter”, originando a expressão “ter cuidado com”. Cuidado remete para a “diligência ou inquietação da alma”¹³⁹, que não está necessariamente relacionado com o sentimento amoroso. Contudo, quando analisamos o significado de inquietação é também o “desassossego no ânimo, por doença ou paixão”¹⁴⁰.

A marquesa de Fronteira demonstrar ter cuidado e inquietações, pela ausência de correspondência¹⁴¹: “sempre tenho cuidado enquanto não tiver outra vez notícias”¹⁴². Noutra passagem, também relativa a ter recebido uma carta, refere como “já pode deitar o coração à larga, do cuidado em que estava no mano Gastão”¹⁴³. É das raras ocasiões¹⁴⁴ em que existe uma confluência entre emoções e corpo físico, habitual na descrição de emoções¹⁴⁵, uma vez que a experiência emocional é também ela corporizada na matéria física¹⁴⁶. A utilização desta expressão

ocorre também para outros casos já indicados, seja a separação do marido¹⁴⁷ ou por motivos de doença¹⁴⁸.

Conclusão

Pese embora o esforço na identificação e divulgação de diversos arquivos de família, estes permanecem relativamente pouco explorados e investigados de forma aprofundada. Porém, constituem uma fonte valiosa de investigação histórica, devido à diversidade de tipologias documentais que reúnem. Referimo-nos a documentos oficiais emitidos por diferentes instituições, documentos administrativos e de gestão económica ou, especialmente para o estudo da história das emoções, a egodocumentação, que inclui correspondência e diários. A relevância destes arquivos também se evidencia pela variedade dos seus produtores, uma vez que neles se encontram documentos elaborados por mulheres, que exprimem as suas ideias na primeira pessoa, nomeadamente tópicos relacionados com os diversos aspectos da vida quotidiana. Na verdade, estas fontes reflectem a voz autoral de quem as produziu, inevitavelmente influenciado pela sua própria subjectividade. Assim, é comum existirem referências à saúde física, aos diferentes rituais de passagem, mas também a outras questões do foro íntimo: as suas necessidades, as suas preferências, a sua afectividade e as suas emoções. Assim, o recurso a este tipo de documentação é fundamental para a análise tanto da história de género, quanto da história das emoções. A investigação relativa à história das emoções é, contudo, um processo complexo e não linear, conforme apontam os especialistas contemporâneos desta área. Mesmo utilizando-se fontes extremamente ricas como estas acima mencionadas, existem desafios significativos, pela ausência de um consenso absoluto sobre as melhores metodologias e interpretações documentais.

O recurso à análise vocabular, precavendo possíveis anacronismos através do recurso à consulta de um dicionário da época, revelou-se ser uma estratégia eficaz no estudo do diário da marquesa de Fronteira, especialmente no que diz respeito à identificação e compreensão das diversas formas e dinâmicas amorosas presentes nesta fonte. Curiosamente, a ausência do termo “amor” ou das suas variantes – como as diferentes formas do verbo “amar” ou as derivações do adjectivo “amoroso” – não implica a inexistência da expressão de sentimentos amorosos ao longo do diário. Pelo contrário, é possível a identificação de um vocabulário extenso que sugere sentimentos próximos ao amor, embora com nuances e variações significativas. A autora utiliza o adjectivo “amável” ou o substantivo “amabilidade” para se referir às pessoas do seu círculo social, tanto mais íntimo quanto

mais distante, permitindo assim inferir as suas preferências e afectos relativamente a determinadas figuras, possibilitando identificar redes de sociabilidade positivas. A “amabilidade”, enquanto conceito, pode também ser utilizada para contrastar com características menos positivas, reflectindo a importância que a marquesa de Fronteira atribuía a essa qualidade no âmbito dos seus valores pessoais e no contexto cultural em que se insere, isto é, na interseccionalidade do seu género, da sua origem social, económica e geográfica. Contudo, como a própria autora menciona, essa qualidade só pode ser devidamente avaliada com o passar do tempo e à medida que as relações se aprofundam. Além disso, é crucial considerar o contexto do uso vocabular, pois “amável” nem sempre tem uma conotação literal, sendo por vezes empregada como figura de estilo, em particular a ironia, exigindo uma análise cuidadosa de cada ocorrência.

O verbo “desejar” é igualmente utilizado em contextos emocionais, em especial quando se refere a relações significativas. Essa utilização ocorre, por exemplo, na vontade de reencontrar o marido ou no anseio de receber notícias de pessoas queridas, afastadas devido ao exílio dos marqueses, decorrente da situação política do reino de Portugal. Quanto ao verbo “gostar”, é usado mais raramente no discurso, sobretudo em contextos emocionais e em referência a pessoas. A sua utilização ocorre principalmente no reforço de amizades ou no estabelecimento de comparações entre relações com diferentes interlocutores. Em contraste, o termo “saudades” surge mais frequentemente, o que pode ser explicado pelo contexto mencionado anteriormente, em que o diário é produzido: o exílio na Europa. A marquesa de Fronteira expressa saudades de pessoas, lugares e momentos passados, mas antecipa igualmente saudades de situações futuras, que ainda não ocorreram, mas prevê, no momento presente da escrita, com nostalgia, resultado também do impacto do exílio, quer no quotidiano, quer nas suas vivências afectivas e emocionais.

Finalmente, a manifestação da compaixão é bastante profícua neste diário, embora através de utilização de vocábulos como “dó”, “pena” e do adjectivo “coitado”, utilizado como interjeição. A compaixão da autora, devidamente enquadrada num quadro mental e cultural de caridade cristã, uma das virtudes teológicas que combate os pecados humanos, é suscitada a partir de diversas situações adversas da vida, como a separação de locais e pessoas; a doença ou incapacidades físicas; a infelicidade; a solidão; o medo; a viuvez; a velhice e claro, a morte, o único motivo que considera justificativo de tristeza humana.

Em suma, a escrita autobiográfica constitui uma fonte essencial para o estudo da história das emoções. Contudo, é importante utilizar metodologias de análise para além da mera identificação de emoções ou expressões emocionais. A abordagem que desenvolvemos ao longo deste artigo, nomeadamente a

pesquisa de sinónimos do substantivo “amor” e de palavras da mesma família, como o verbo “amar” permitiu a construção de um *thesaurus* de sinónimos, contemporâneos da fonte em análise, a partir dos sinónimos encontrados. Desta forma, foi possível elaborar uma pesquisa mais exhaustiva e, como tal, uma compreensão mais abrangente da presença e da expressão das emoções no documento. Esta abordagem possibilita a análise da utilização destes termos pela autora na descrição das suas relações interpessoais, com os indivíduos do seu círculo social, desde os mais próximos até aos mais distantes. Além disso, oferece igualmente uma visão mais profunda da sua sensibilidade em relação ao mundo ao seu redor, em particular aquilo que suscita a sua compaixão. Assim, observa-se que as dinâmicas amorosas estão integradas nas diversas formas de sociabilidade da autora, desempenhando um papel directamente proporcional à qualidade das relações estabelecidas com os diversos interlocutores. As excepções ocorrem quando a autora utiliza a ironia ou destaca a amabilidade em contraste com possíveis defeitos, especialmente em situações onde existe uma especial reverência para com o interlocutor, como ocorre com o caso da irmã do grão-duque. Finalmente, a compaixão evidenciada anteriormente, manifesta-se de forma transversal a diversos interlocutores.

Notas

1. Esta publicação recebeu apoio do IHC, financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., através dos projectos UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, e LA/P/0132/2020 (DOI: <https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020>). Pedro Urbano é financiado através de fundos nacionais da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., para o projecto CEECIND/04492/2017/CP1463/CT0022 (DOI: <https://doi.org/10.54499/CEECIND/04492/2017/CP1463/CT0022>).

2. Stearns, Peter N., “Choices in the History of Emotions”, in *Historia Crítica*, n.º 78, 2020, pp. 3-7, DOI: <https://doi.org/10.7440/histcrit78.2020.01>.

3. Boddice, Rob, *The History of Emotions*, Manchester, Manchester University Press, 2018, p. 205.

4. Bain, Alexander, *Emotions and the Will*, London, John W. Parker, and Son, 1859; Bain, Alexander, *The Senses and the Intellect*, London, Longmans, Green, and Co, 1894.

5. Lewes, George Henry, *Problems of Life and Mind*, London, Trübner & Co, 1879.

6. Huizinga, Johan, *Herfstij der Middeleeuwen: studie over levens- en gedachtenvormen der veertiende en vijftiende eeuw in Frankrijk en de Nederlanden*, Haarlem, H.D. Tjeenk Willink, 1919.

7. Elias, Norbert, *Über den Prozeß der Zivilisation*, Basel/CH, Verlag Haus zum Falken, 1939.

8. Febvre, Lucien, “La sensibilité et l’histoire: Comment reconstituer la vie affective d’autrefois?”, in *Annales d’histoire sociale (1939-1941)*, 3/1/2, Jan. - Jun., 1941, pp. 5-20.

9. Vários autores procuraram sistematizar os diferentes contributos para o debate em torno da história das emoções, tais como: Tausiet, María, Amelang, James S. (eds.), *Accidentes del alma. Las emociones en la Edad Moderna*, Madrid, Abada, 2009; Wierzbicka, Anna, “The ‘History of Emotions’ and the Future of Emotion Research”, in *Emotion Review*, 2/3, July 2010, pp. 269-273; Boddice, Rob, “The History of Emotions: Past, Present, Future”, in *Revista de Estudios Sociales*, 62, 2017, pp. 10-15, <https://dx.doi.org/10.7440/res62.2017.02>. Rosenwein, Barbara H., Cristiani, Riccardo, *What is the history of emotions*, Cambridge, Polity Press, 2018; Boddice, Rob, “History Looks Forward: Interdisciplinarity and, Critical Emotion

Research”, in *Emotion Review*, 12/3, July 2020, pp. 131-134; García de Orellán, Sara Hidalgo, “La historia de la historia de las emociones: mapeo de debates en proceso / The History of the History of Emotions: Mapping of Debates in Progress”, in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 40 n.º 83, 2020, pp. 219-234 <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472020v40n83-10>; Barclay, Katie, “Emotions in the History of Emotions, History of Psychology”, in *American Psychological Association*, 24/2, 2021, pp. 112-115.

10. Stearns, Peter N., Stearns, Carol Z., “Emotionology: Clarifying the History of Emotions and Emotional Standards”, in *The American Historical Review*, vol. 90, n.º 4, Oct. 1985, pp. 813-836.

11. Reddy, William M., “Against Constructionism: The Historical Ethnography of Emotions”, in *Current Anthropology*, 38, 1997, pp. 327-351.

12. Rosenwein, Barbara H., *Emotional Communities in the Early Middle Ages*, Ithaca, Cornell University Press, 2006.

13. Boddice, Rob, *The History of Emotions*, Manchester, Manchester University Press, 2018, p. 90.

14. Urbano, Pedro, “Identity and Emotions in the Long Eighteenth Century: Representing Oneself and Others in the Diary of the Marchioness of Fronteira”, in *Espacio, Tiempo y Forma, Serie IV, Historia Moderna*, 36, 2023, pp. 169-192.

15. Cardim, Pedro, “Amor e amizade na cultura política dos séculos XVI e XVII” in *Lusitania Sacra*, n.º 11, 1999, pp. 21-57, <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.1999.750>.

16. Frevert, Ute et al (ed.), *Emotional Lexicons: Continuity and Change in the Vocabulary of Feeling 1700-2000*, Oxford and New York, Oxford University Press, 2014, <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199655731.001.0001>.

17. Rosenwein, Barbara, “Como praticar a História das emoções” in *Brathair Grupo de Estudos celtas e Germânicos*, n.º1, 2023, s.p., <https://doi.org/10.18817/brathair.viAhead%20of%20Print>.

18. *Gazeta de Lisboa*, n.º 157, 5 de Julho de 1823, p. 1185. O título fora atribuído no dia de anos da infanta Isabel Maria e não dia 3, como surge em Torres, João Carlos Feio Cardoso de Castelo Branco, *Resenha das famílias titulares do Reino de Portugal: acompanhada das notícias biográficas de alguns indivíduos*

Notas

das mesmas famílias, Lisboa, Imprensa Nacional, 1838, p. 233 e Pinto, Albano da Silveira, *Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal*, vol. 2, Lisboa, Empresa Editora de Francisco Arthur da Silva, 1883, p. 640. O título fora-lhe concedido em resultado do apoio à causa absolutista e à Vila-Francada, embora tenha aderido ao constitucionalismo pouco depois, sendo elevado a par do reino em 1826 e emigrado após a subida ao trono de D. Miguel. Mónica, Maria Filomena (coord.), *Dicionário biográfico parlamentar 1834-1910*, Lisboa, Assembleia da República, 2006, vol. III, pp. 46-48.

19. Monteiro, Nuno Gonçalo, *O Crepúsculo dos Grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, pp. 77-78.

20. Barreto, D. José Trazimundo Mascarenhas, marquês de Fronteira, Andrada, Ernesto de Campos de Andrada (rev. e coord), *Memórias do marquês de Fronteira e d’Alorna D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto ditadas por ele próprio em 1861*, vol. 1, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, p. 156.

21. Câmara, Eugénia de Mello Breyner da; Andrade, Augusto do Amaral Cardoso Rebelo de, (coord), *Diário de D. Eugénia de Mello Breyner da Câmara, 1873-1878*, S.l., Livraria Bizantina, 2021.

22. Urbano, Pedro, “Escrita íntima: o diário da condessa de Sabugosa e de Murça (1856-1952)”, in Moscatel, Cristina; Freitas, Sónia Sousa; Couto, Joana (ed.), *O feminino nos Arquivos: abordagens e problematizações*, Ponta Delgada, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 2021, pp. 13-25.

23. Antunes, Alexandra de Carvalho, *O veraneio da família Anjos: Diário de Maria Leonor Anjos (1885-1887)*, Oeiras, Câmara Municipal, 2007.

24. Marinho, Helena; Gomes de Araújo, Henrique; Araújo, Helena Costa; Ribeiro, Jorge Castro (coord.), *O diário de uma jovem pianista portuense: Leonilda Moreira de Sá 1899*, Lisboa, Movimento Patrimonial para a Música Portuguesa, 2019.

25. Câmara, Maria Constança da, Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. XV.

26. Dufief, Pierre-Jean, *Les écritures de l’intime de 1800 à 1914, Autobiographies, mémoires, journaux intimes et correspondances*, Rosny, Bréal,

2001, p. 107.

27. Diaz, Delphine, “S’exiler pour des idées dans l’Europe du XIXe siècle”, in Courtet, Catherine, Bensson, Mireille, Lavocat, Françoise & Viala, Alain (ed.), *Traversées des mondes Rencontres Recherche et Création du Festival d’Avignon*, s.l., CNRS Éditions, 2020, pp. 233-249.

28. Wolff, Charlotta, “Le cosmopolitisme aristocratique des élites d’Europe du Nord au XVIIIe siècle pratiques et débats culturels”, in Pelus-Kaplan, Marie-Louise; Bernon-Gerth Anne-Marie; Crips, Liliane; Gabriel, Nicole, *Être citoyen du monde. Entre destruction et reconstruction du monde: les enfants de Babel XIVE-XXIe siècles*, 2, Paris, Université Paris Diderot, 2005, pp. 83-92.

29. Paquette, Gabriel, *Imperial Portugal in the Age of Atlantic Revolutions, the Luço-Brazilian World, c. 1770-1850*, Cambridge, Cambridge University Press, 2013, p. 292.

30. Isabella, Maurizio, *Southern Europe in the age of revolutions*, Princeton, Princeton University Press, 2023, p. 217.

31. Bron, Grégoire, “La diplomatie du libéralisme portugais et la solidarité aristocratique internationale (1828-1832)”, in *Ler História*, 68, 2015, pp. 9-31.

32. Urbano, Pedro, “Identity and Emotions in the Long Eighteenth Century: Representing Oneself and Others in the Diary of the Marchioness of Fronteira”, *Espacio, Tiempo y Forma, Serie IV, Historia Moderna*, 36, 2023, pp. 169-192.

33. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 28.

34. Loyde Philiberte de Fitte du Soucy (1784-1850). Filha de François Louis de Fitte de Soucy (1751-1793) e Renée Suzanne Marie Louise de Mackau (1758-1841), nasceu em Versailles, e casou com Guillaume Frédéric de Falloux du Coudray (1774-1850), capitão de infantaria, proprietário, presidente do município de Bourg-d’Iré, entre 1808 e 1826, no departamento de Maine-et-Loire. Foi nomeado conde de Falloux por Charles X, em 1830.

35. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 42.

36. Schmitter, Amy, “‘I’ve got a little list’ Classification, explanation and the focal passions in Descartes and Hobbes”, in Cohen, Alix, Stern, Robert, *Thinking about the emotions. A philosophical History*, Oxford, Oxford University Press, 2017, p. 112.

Notas

37. Bolufer Peruga, Mónica, *Arte y artificio de la vida en común. Los modelos de comportamiento y sus tensiones en el Siglo de las Luces*, Madrid, Marcial Pons Historia, 2019, pp. 72-81.

38. Urbano, Pedro, “Identity and Emotions in the Long Eighteenth Century: Representing Oneself and Others in the Diary of the Marchioness of Fronteira”, *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie IV, Historia Moderna, 36, 2023, pp. 169-192.

39. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, pp. 71, 76-77.

40. O adjectivo brando surge por duas vezes, mas na transcrição de parte do libreto da ópera Parisina, partitura de Donizetti e libreto de Felici Romani, publicado um excerto da tradução portuguesa, no *Português Constitucional*, Lisboa, Imp. de C. A. S. Carvalho, 8 de Agosto de 1836, pp. 123-124.

41. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 224.

42. Marie Thérèse de Nogarola (1790-1871), nascida em Munique, de pai italiano e mãe alemã, casada desde 1808 com o conde Anton Apponyi von Nagy-Apponyi (1782-1852), embaixador austro-húngaro em Paris. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 56.

43. Provavelmente Sarah Bazett (?-1838), filha de Henry William Bazett (1781-?) e Clarissa Penelope Pritchard, casada em segundas núpcias com o quinto conde de Essex, George Capel-Conisgbsy (1757-1839). Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 35.

44. Provavelmente Catherine Charlotte Maberly (1805), filha de Francis Aldborough Pritie (1779-1853) e Marta Cooke, casada com William Leader Maberly (1798-1885), secretário-geral dos correios. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 135.

45. Não identificada. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 144.

46. Não identificado. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 189.

47. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 78. Os marqueses de Normanby, Constantine Henry Phipps (1797-1863) e Maria Liddel (1798-1882).

48. Maria Liddel (1798-1882), filha de Thomas Liddell (1775-1855), 1.º barão de Ravensworth e Maria Susannah Simpson, neta materna do 8.º conde de Strathmore e Kinghorne. Maria Liddel casou com Constantine Henry Phipps (1797-1863), marquês de Normanby. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, pp. 111-112.

49. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 57.

50. Filha dos grão-duques Fernando III (1769-1824) e Luísa Maria Bourbon-Nápoles (1773-1802). Solteira e sem geração, era apelidada *La Gobbina* – a corcunda.

51. Militar de origem espanhola, combateu na marinha contra França e Inglaterra. Foi ajudante de campo do duque de Wellington (1769-1852) nas guerras peninsulares. Desde 1823 viveu exilado, devido ao restabelecimento da monarquia absoluta em Espanha. Casou em 1813 com a sua prima direita, Maria Loreto de Arriola y Esquível (1785-1870), descendente dos marqueses de Legarda.

52. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 108.

53. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 57.

54. Provavelmente a segunda mulher do militar e político Charles William Vane (1778-1854), terceiro marquês de Londonderry, Charles William Vane (1778-1854). De seu nome Frances Anne Vane (1800-1865), era filha de Sir Henry Vane-Tempest (1771-1813) e de Anne Katherine MacDonnell (1778-1834).

55. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 280.

56. Provavelmente o Príncipe Frederico Carlos de Hohenlohe-Waldenburg-Schillingsfürst (1814-1884), filho de Karl Albrecht Hohenlohe-Waldenburg-Schillingsfürst (1776-

Notas

1843) e da princesa Leopoldine zu Fürstenberg (1791-1844).

57. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 134. Um dos três filhos de Carlos Alberto III de Hohenlohe-Waldenburg-Schillingsfürst (1776-1843) com sua segunda mulher, Maria Leopoldina Fürstenberg (1791-1844); Frederico (1814-1884); Carlos (1818-1875) e Egon (1819-1865).

58. Maria Ivanovna Des Wort Selt Romel (1809-1853), primeira mulher do príncipe Dimitri Ivanovich Dolgarukov (1797-1867). Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 103.

59. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 106.

60. Provavelmente o marquês de Bouillé, Louis Joseph Amour de Bouillé du Charol (1769-1850), casado com Anne Marie Robertine Hélène Joséphine Walsh de Serrant (1775-c. 1820) ou o seu filho, marquês do mesmo título, Amour Louis Charles René de Bouillé (1802-1882), ministro plenipotenciário em Karlsruhe e casado com Laure Louise Thérèse de Thiard de Bissy, com geração.

61. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 50.

62. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 42.

63. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 279.

64. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 285.

65. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 263.

66. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 93.

67. 24 de Agosto de 1820, dia da revolução liberal, eclodida no Porto.

68. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 89.

69. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 60.

70. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 223.

71. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 81.

72. Rosenwein, Barbara, “Como praticar a História das emoções” in *Brathair Grupo de Estudos celtas e Germânicos*, nº 1, 2023, s.p., <https://doi.org/10.18817/brathair.v23i1.3919>.

73. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 75.

74. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 178.

75. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, pp. 59, 78, 116, 125, 145, 177, 190, 206.

76. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 664.

77. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 88.

78. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 81.

79. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 85.

80. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 209.

81. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, pp. 103, 140, 154, 169, 195.

82. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, pp. 89, 99, 211.

83. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, pp. 97, 225.

84. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 14.

85. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 88.

86. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópico, 2022, p. 133.

87. Tomasso di Corsi, mordomo-mor do grão-duque da Toscana,

Notas

- Leopoldo II (1797-1870).
88. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 112.
89. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 136.
90. D. Maria Ana de Mendonça, (1808-1866), filha dos primeiros marqueses de Loulé, Agostinho de Mendonça Rolim de Moura Barreto (1780-1824) e D. Maria Margarida de Lorena e Menezes (1781-1852). Casou em 1821 com o então conde de Vila-Flor, António de Menezes Severim de Noronha (1793-1860), tornado duque da Terceira em 1832.
91. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 35.
92. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 2, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 379.
93. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 56, 57, 120.
94. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 10, 21.
95. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 17-18, 270.
96. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 72.
97. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 51.
98. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 52.
99. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 92-93.
100. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 58.
101. D. Eugénia Teles da Gama (1798-1848), filha de Domingos Xavier de Lima (1765-1803) e da sétima marquesa de Nisa, D. Eugénia Teles de Castro da Gama (1776-1839). Casou em 1810 com D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), que se tornaria primeiro conde, primeiro marquês e primeiro duque de Palmela.
102. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 20.
103. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 258.
104. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 18.
105. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 294.
106. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 450.
107. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 2, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 180.
108. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 284.
109. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 43, 55.
110. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 69, 164, 171, 269.
111. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 26.
112. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 22.
113. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 70.
114. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 71.
115. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 62, 102, 233, 280.
116. Félix Lichnowsky (1814-1848) foi um aristocrata nascido em Viena, oriundo de famílias da Silésia e da Boémia, tendo sido militar no exército

Notas

- prussiano. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 287.
117. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 193, 228.
118. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 155.
119. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 273.
120. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 43, 44.
121. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 47, 128.
122. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 57.
123. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 78, 189, 196.
124. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 58, 82, 111-112.
125. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 68, 250.
126. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 64.
127. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 66, 92.
128. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 127.
129. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 74, 84, 108.
130. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 215, 257, 265.
131. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 267.
132. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 128-129, 193.
133. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 47.
134. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 55.
135. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 228.
136. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 224.
137. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 82.
138. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 49.
139. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 353.
140. Bluteau, Rafael; Silva, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, p. 722.
141. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 54, 81, 211.
142. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 53.
143. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 86.
144. Existe outra passagem em que há referência ao órgão físico coração, sendo utilizada em sentido contrário, e associada às saudades: “Deus me de paciência para me conformar com esta jornada mas até agora ainda me não posso conformar, sinto sempre como uma mão de ferro que me pega forte o coração. É a primeira vez que saio de Paris com saudades” Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, p. 56.
145. Davinson, Kate; Jalava, Marja; Morosini, Giulia; Scheer, Monique; Steenbergh, Kristine; Zande, Iris van der; Zwicker, Lisa Fetheringill, “Emotions as a Kind of Practice: Six Case Studies Utilizing Monique Scheer’s Practice-Based Approach to Emotions in History”, in *Cultural History*, vol. 7-2, 2018, p. 229.
146. Boddice, Rob, “The History of Emotions: Past, Present, Future”, *Revista de Estudos Sociais*, 62, 2017, pp. 10-15, <https://dx.doi.org/10.7440/res62.2017.02>.
147. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 204, 211.
148. Câmara, Maria Constança da; Urbano, Pedro (ed.), *Diários*, Lisboa, Caleidoscópio, 2022, pp. 103-104, 204, 220.